
Ecossistemas de transformação e tramas do cotidiano: Uma reflexão sobre o ecodesign de interiores¹

Thaís Moraes de AZEVEDO²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

O artigo tem por objeto o conceito de ecocidadania visto sob uma ótica humanitária. O objetivo é compreender os ecos de cidadania por meio de novos discursos e práticas educativas. Como abordagem metodológica, realizamos uma pesquisa bibliográfica em autores que apresentam uma visão de cidadania humanitária e seu impacto na sociedade. Para ilustrar o conceito na prática, elencamos projetos da área de Design de Interiores que tem gerado ecos de cidadania humanitária. O artigo propõe reflexões sobre a relevância dos ecos no cotidiano e a problematização de discursos ultrapassados considerando o que realmente traz benefício às pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; discurso; cidadania; ecocidadania; humanitária.

INTRODUÇÃO

Na mitologia grega, Eco era uma ninfa dos bosques, conhecida por gostar muito de falar. Zeus, que mantinha relações extraconjugais, combinou com Eco para entreter sua esposa, Hera, sempre que fosse sair para encontrar suas amantes. Dessa forma, a rainha dos deuses se distrairia e assim não investigaria as traições de Zeus. Eco assim o fez, sempre conversava com Hera para entretê-la. Porém, em um dado momento, Hera se deu conta do que acontecia e castigou Eco da seguinte forma: ela não mais falaria, apenas repetiria a última palavra que ouvisse. Eco então passou a reproduzir o final das frases de outrem.

Na era atual, a palavra “eco” é utilizada para descrever a reverberação de um som. Neste artigo, exploramos a metáfora focalizando o eco como a repetição de discursos benéficos ou prejudiciais à sociedade. O objetivo é compreender os ecos gerados na sociedade e os sons que deveriam ecoar. Inspirado no conceito de ecocidadania, proposto por Furlin (2023), o texto visa examinar os ecos que ressoam na sociedade e identificar novos sons que poderiam promover melhorias na cidadania. Apresentaremos exemplos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Univali 5 a 6 de setembro de 2024.

² Formada em Design de Interiores. Mestranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: th.jc@hotmail.com

práticos no campo do Design de Interiores para ilustrar o tema e destacar perspectivas que enxergam a prática pela lente da cidadania humanitária.

O texto está organizado em três partes. Na primeira, exploramos o conceito de ecocidadania em discursos que não promovem uma cidadania humanitária e que reproduzem ideias ultrapassadas sem uma análise crítica apropriada. Na segunda parte, apresentamos o conceito de novos sons a serem difundidos com base em projetos práticos de aprimoramento no Design de Interiores. Na terceira, reforçamos a ideia de que ao disseminarmos ecos de cidadania humanitária, como coletivo, é possível construir novas narrativas. Essas narrativas representam as histórias das comunidades que reconhecem suas raízes e usam conhecimentos do passado, mas que procuram evoluir para criar novas tramas que abordem às necessidades da era contemporânea.

Defendemos uma abordagem social que se baseie em disciplinas capazes de melhorar a vida diária das pessoas proporcionando uma rotina mais saudável no sentido de aprender com o passado, valorizar a herança cultural e planejar novas narrativas para um futuro mais consciente e sustentável.

ECOS DE CIDADANIA

Ao compararmos a mitologia grega com a sociedade contemporânea, é possível reconhecer que assim como a ninfa Ecos foi fadada a repetir parte do discurso de outrem, vemos a mesma situação se repetir em escala ainda maior. Percebemos ecos de discursos políticos, religiosos, de gênero e uma infinidade de outros temas sendo repetidos sem a devida reflexão crítica e que muitas vezes favorecem um grupo em detrimento de outro. Essa recorrência de discursos arcaicos deriva da premissa de que uma cultura é superior a outras. Considerando esse ponto de vista, podemos ilustrar o fenômeno com base na colonização do Brasil: os europeus defendiam que o cristianismo deveria ser uma crença universal, o que levou os povos originários a serem catequizados. Embora o discurso cristão fosse de origem europeia, após ser propagado no Brasil, passou a ser disseminado pelos próprios indígenas e negros que chegavam ao país, ecoando até os dias atuais.

Este é um exemplo complexo, mas que evidencia um dos perigos de se repetir falas sem a devida reflexão crítica. Após destacar esse exemplo, introduzimos o contraponto dos ecos humanitários. Os ecos humanitários são sons ecoados em benefício do coletivo sem desvalorizar qualquer prática ou cultura. Se o eco é a reprodução de um som, é importante que o fenômeno acústico que propiciou a reprodução, seja analisado.

Se o som original produzido for democrático e humanitário, os ecos promoverão um senso de comunidade e coletividade.

ECOS DE INTERIORES

Desde os primórdios, tanto a arquitetura quanto os objetos foram concebidos não apenas para uma questão estética, mas para facilitar a rotina e atender às necessidades diárias. Buscava-se criar soluções funcionais para os problemas. Nesse contexto, o design de interiores está presente no cotidiano desde o princípio da civilização humana. Com o passar do tempo, vemos evidências disso: o interior das pirâmides no Egito era pintado e decorado, enquanto os templos na Grécia passaram a valorizar a arte no interior de seus santuários, ornamentando-os com muito ouro e pedras preciosas.

Ao longo da história, o ser humano sempre projetou e produziu ferramentas que o ajudassem a superar suas limitações físicas. A vara de anzol, por exemplo, são prolongamentos de seu braço; o guindaste permite-lhe levantar grandes pesos. Assim, esse ser, que seria facilmente subjugado pelos elementos da natureza, produziu um sem-número de artefatos que lhe tornaram possível transformar o meio natural segundo suas necessidades (Proença, 2013, p. 5-6)

Com o surgimento da arte moderna e suas várias correntes, os interiores começam a ser decorados de maneira extravagante pelas classes sociais privilegiadas que acabavam por impor suas tendências à sociedade. O eco predominante nesse período era de que a arquitetura e os interiores requintados eram exclusividade dos mais ricos. Já aqueles com menos recursos acabavam organizando seus espaços com os itens que tinham disponíveis. A partir desse contexto, cria-se um eco de que o design de interiores estava ligado apenas à decoração e que era acessível apenas a quem tinha um elevado padrão financeiro. Entretanto, ao longo da história, percebemos que alguns ecos humanitários emergem nesse contexto: a composição dos ambientes é fundamental à todas as classes sociais e que vai além de uma mera questão estética. O design de interiores fornece conhecimentos necessários para a criação de *layouts* mais adequados e funcionais à rotina das pessoas independentemente de seus recursos financeiros.

Nesse sentido, surgem novos ecos que geram novas perspectivas na sociedade. Um exemplo é o projeto de ecocidadania e conscientização *Fazendinando*, liderado pela arquiteta social Ester Carro, que entre outras atividades, visa adaptar os ambientes às necessidades sociais das pessoas a fim de melhorar moradias de baixo custo. Em um dos

complexos da comunidade de Paraisópolis em São Paulo, Ester e sua equipe renovam casas e capacitam as mulheres da periferia em áreas como construção civil, destacando a importância de moradias dignas, confortáveis, funcionais e seguras. A missão do projeto consiste em: “por meio de uma gestão eficiente e processo participativo pretendemos engajar, conscientizar, integrar e desenvolver a comunidade do **Jardim Colombo** e seu entorno. Com a capacitação dos moradores, buscamos a autossustentabilidade do movimento.”³

O trabalho é divulgado por meio das mídias sociais emitindo ecos de cidadania em todo o estado de São Paulo trazendo conscientização às pessoas por meio de cursos ministrados na própria comunidade, na área de construção civil e em outras áreas. O projeto *Fazendinhando* viabiliza práticas educativas e instrui moradores da comunidade promovendo ecos de cidadania humanitária e sustentável.

Além do *Fazendinhando*, outros projetos sociais estão promovendo ecos de cidadania. A ONG *Construíde* que atua no estado de São Paulo com reformas de moradias em situação de vulnerabilidade conta com doações voluntárias para a melhoria dos ambientes. O trabalho também é amplamente divulgado nas redes sociais. Os voluntários e doadores do projeto reproduzem ecos de discurso humanitário no sentido de que todos tem direito à uma moradia digna, sustentável e segura.

O programa *Diárias do Gui* mostra como a saúde e os espaços de convivência estão intimamente ligados. Guilherme Gomes, idealizador do projeto, juntamente com parceiros e voluntários, reorganizam, limpam e promovem reformas em residências de acumuladores – pessoas que por motivos psicológicos passam a não mais organizar ou limpar suas casas. Essas pessoas trazem muitos objetos encontrados na rua e acabam acumulando muito lixo dentro de casa, o que facilita a proliferação de insetos e outras pragas. Nesses casos, as estruturas residenciais não são necessariamente precárias. Porém, é preciso limpar e reorganizar o *layout* do ambiente para que a pessoa consiga recomeçar. Além de organizar e reestruturar os ambientes, o projeto também encaminha os moradores para tratamentos psicológicos, o que é fundamental nesses casos.

Em suma, o projeto *Diárias do Gui* reitera o quanto a saúde e o bem-estar físico e mental estão atrelados ao ambiente em que vivemos. O trabalho de Guilherme e de seus parceiros é uma forma de conscientizar às pessoas de que lidar com os espaços diz muito

³ Nossa missão. Disponível em: <https://www.fazendinhando.org/quem-somos> Acesso em: 26 jun. 2024

sobre a saúde, e que nesse sentido, é preciso mobilizar a sociedade para ajudar a restaurar o ambiente e a saúde física e mental das pessoas. Os exemplos sobre iniciativas de conscientização de moradia priorizam a dignidade humana nas habitações e representam ecos de uma cidadania humanitária que podem ser vistos prática.

ECOS E TRAMAS

Segundo o dicionário Michaellis, a palavra “tramas” tem o seguinte significado: “conjunto de fios que se cruzam no sentido transversal do tear, entre os fios da urdidura” (Michaellis, 2024). Esse significado nos leva a crer que cada ser humano tem suas tramas, personalidade, vivências e que cada aprendizado é um fio que compõe essa trama. Voltando ao exemplo do início da história do Brasil, os povos originários e os negros escravizados tinham suas próprias tramas tecidas ao longo do tempo, da ancestralidade, em suas origens e crenças. Ao serem colonizados, a intenção dos opressores era desfazer as tramas para que fossem convertidos e inseridos ao seu sistema de crenças. O discurso colonizador, portanto, ecoou para desfazer as tramas e os ecos de cada ser subjugado.

A trama é o que nos faz ser quem somos, sem ela, perdemos o rumo e acabamos por repetir (ecoar) discursos que não nos pertencem. Nosso lar é que o geralmente nos faz lembrar de nossa origem, é onde guardamos nossas fotos, de nossos ancestrais, objetos passados de geração a geração, onde preservamos hábitos e receitas antigas da família. O lar é o lugar onde tecemos nossas tramas. Investir em nossa casa é uma forma de preservar nossas tramas e trazer o aconchego necessário para lidar com os ecos do lado de fora. Para Marcelo Furlin, “inúmeras são as premências deste século e profícuos são os projetos e os atos que possam preencher as referidas molduras, no sentido de promover entrelaces de justiça, ética e humanização” (2023, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Você pode até dizer que eu estou por fora ou então que eu estou inventando, mas é você que ama o passado e que não vê que o novo sempre vem”. O trecho da canção *Como nossos pais* de Belchior ilustra sobremaneira a necessidade de se propor novos ecos na sociedade. Os termos utilizados nesse texto, ecos e tramas, podem tratar de inúmeras questões sociais. Buscamos exemplificar o quanto o tema é diverso e o quanto pode ser debatido. Faz-se necessário que os ecos de cidadania sejam altruístas para que se

produzam tramas generosas beneficiando todas as comunidades e todas as culturas, e não apenas uma parte abastada da população.

REFERÊNCIAS

COSTRUIDE | ONG | BRASIL. Disponível em: <https://www.construide.org/> Acesso em: 25 Jun. 2024.

DIÁRIAS DO GUI. Disponível em: <http://www.youtube.com/@diariasdogui>. Acesso em 25 Jun. 2024.

FAZENDINHANDO. Disponível em: <https://www.fazendinhando.org/quem-somos>. Acesso em: 07 Jun. 2024.

FURLIN, Marcelo. Ecocidadania em tramas de educação. *In*: VALENTE, Isabel, Maria Freitas. (org.). **Ecocidadania e desenvolvimento sustentável**: diálogo para uma escola cidadã. Salvador, BA: Editora Mente Aberta, 2023, p, 21-30.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Editora Ática, 2013.